

Walmeri Ribeiro > **Paisagens Transitórias –
Experiências performativas
em territórios específicos**

Resumo

Como experiências performativas imersivas em diferentes paisagens, climas e culturas, podem contribuir para mudanças paradigmáticas nos nossos modos de viver|habitar|pensar o mundo? Qual a dimensão política dessas ações estéticas? Este ensaio compartilha uma pesquisa performativa ao mesmo tempo que busca por caminhos, possibilidades, procedimentos e ações que possam colaborar para mudanças urgentes em nossa sociedade..

Palavras-chave: Performance como pesquisa. Mudanças climáticas. Corpo. Experiência.

Abstract

How performative experiences in different landscapes, climates, and culture, can contribute to paradigmatic changes in our modes of life|think|to be in the world today? What is the political dimension of aesthetics action? This article shares a performative research in the same time that looking for ways, possibilities, procedures and actions what can collaborate for urgent changes in our society.

Keywords: Performance as research. Climate change. Body. Experience.

> Artista-pesquisadora, doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP, professora do Departamento de Artes e Estudos Culturais da Universidade Federal Fluminense (UFF). Coordenadora do Laboratório de pesquisa-criação BrisaLAB (certificado pelo CNPQ) e do projeto Territórios Sensíveis (www.territoriosensiveis.com). E-mail: ribeiro.walmeri@gmail.com

Montreal, inverno de 2017

Coloco-me a partir desta escrita-intervenção a tecer um diálogo entre artistas, obras, textos, autores, ideias, conceitos e, sobretudo, experiência, conhecimento incorporado, pensamentos, sentimentos, sensações, imaginação. Uma dobra em busca de uma nova forma de habitar|viver|criar.

A indicação espaço-temporal que abre este texto, “Montreal, inverno de 2017”, ressalta o clima/*weather*¹ e a paisagem nos quais esta escrita, fruto de uma pesquisa performativa, está inserida: o intenso inverno canadense. A paisagem é gris, uma cidade em preto e branco. As temperaturas variam de -4 a -20 °C, com sensação térmica de até -27 °C.

Me mudei para Montreal em dezembro de 2016, para realizar parte do projeto *Territórios Sensíveis: uma pesquisa performativa*², que discute mudanças climáticas e as contribuições da arte na chamada Era do Antropoceno ou, como prefiro me referir, inspirada pelo pensamento de Isabelle Stengers, Era de Gaia.

Ao chegar à cidade, nunca antes visitada por mim, tinha apenas uma referência, o Marché Jean-Talon, local onde o pesquisador alemão Christoph Brunner, que conheci durante a realização do projeto *Cities Can Fly*³, em Hamburgo, me indicou para morar. Ao me apresentar o mapa da cidade, Christoph ressaltou o mercado público Jean-Talon, lugar onde poderia comprar frutas e verduras direto dos produtores locais. A ideia me encantou. Dialogava diretamente com o meu objetivo de transformar o viver em Montreal como uma dobra no meu próprio modo de habitar|viver|criar, uma decisão tomada como procedimento de criação em meados de 2016, quando me preparava para esse “autoexílio”.

Nesse sentido, a ação política de uma compra consciente, fruto de outra relação com os sistemas de produção, distribuição e comercialização de produtos alimentares, ocasiona mudanças e adaptações do pensamento e dos modos de vida.

1 Ressalto a diferença entre clima|*weather* e clima|*climate*. Em português, comumente utilizamos a palavra clima nos referindo a aspectos meteorológicos, como previsão do tempo, temperatura e fenômenos meteorológicos (chuva, sol, neve). Em inglês, para aspectos meteorológicos é utilizada a palavra *weather* e para clima, *climate*. Essa diferença é de extrema relevância ao falarmos em mudanças climáticas. Pois as mudanças climáticas, que estão afetando todo o planeta, são um campo de pesquisa e discussão bastante mais aprofundado e complexo do que quando falamos em aspectos meteorológicos ou previsão meteorológica.

2 *Territórios Sensíveis: uma investigação performativa* está sendo realizado no departamento de *Fine Arts* da Concordia University, Montreal, Canadá, com bolsa Capes- Proc. nº BEX 5451/15-9. Para saber mais sobre o projeto, acesse: <https://www.territoriossensiveis.com/>

3 O projeto *Cities Can Fly: New ways of doing research in the city* é uma cooperação internacional entre Brasil e Alemanha, com apoio DFG (Deutsche Forschungsgemeinschaft), Alemanha.

Essa era uma decisão que me movia e já fazia parte da minha rotina, mas que ganhou ainda mais força após visitar a obra *Restauração*⁴, do artista brasileiro Jorge Menna Barreto, na 32ª Bienal de São Paulo. A partir de pratos|paisagens preparados com produtos orgânicos, comprados diretamente de pequenos produtores agrícolas que propõem o sistema de agroflorestas para plantação, o artista expunha, com sua “escultura ambiental”, toda a cadeia de produção alimentar, intervindo, dia a dia, na forma de o público lidar com o que come e como come. O comer como um ato político. As pessoas que passaram pelo restaurante da Bienal de São Paulo foram convidadas a pensar e talvez criar, a partir dessa intervenção, uma nova relação com o ato de comer, que se desdobra em uma nova relação com o corpo, com o meio ambiente e com o modo de estar no mundo.

A compra consciente, realizada diretamente com produtores que respeitam o ciclo de crescimento de cada plantação, livre de agrotóxicos e sem intermediários para distribuição, é um posicionamento político para não sustentar a ideia de qualidade de vida dentro de uma lógica totalmente capitalista, como a vendida pelos supermercados BIO, tão comuns nas grandes cidades, sobretudo na Europa e na América do Norte.

Aqui estou, a cinco quadras do Marché Jean-Talon, 7862A, Lajeunesse. Daqui escrevo este texto-intervenção, que, por um lado, busca compartilhar uma experiência, um processo criativo e, por outro, repensa a ele mesmo em busca de caminhos, possibilidades, procedimentos de criação e ações que possam colaborar para as mudanças paradigmáticas urgentes em nossos dias.

Trago comigo pensamentos, conceitos, autores, artistas, experiências em outros climas e paisagens, mas, além disso, a convicção de que, para contribuir como artista-pesquisadora para as discussões emergentes dos impactos das mudanças climáticas na vida cotidiana, é preciso uma metodologia que permita processos de imersão em diferentes paisagens, climas e culturas, ou seja, em diferentes Territórios.

O caminho escolhido para tal desafio foi a prática performática como pesquisa (*performance practice as research*), ou seja, a Performance como metodologia, como caminho de investigação e experiência, que se desdobra em criações artísticas, textos, pensamentos, ações.

Inspirada pelo pensamento de Bruno Latour (2014, n.p.), “[...] continuar, hoje, significa descontinuar, mudar o que é hábito”, performo nas paisagens transitórias que me recebem. Performo em busca de possibilidades e novos questionamentos sobre como a arte, sobretudo a Performance, pode intervir, sensibilizar e colaborar nas discussões sobre as mudanças climáticas e seus impactos na sociedade contemporânea. Como experiências performativas imersivas em diferentes paisagens, climas e culturas podem contribuir para mudanças paradigmáticas nos nossos modos de viver|habitar|pensar o mundo? Qual a dimensão política dessas ações estéticas? Como compartilhar a potência dessas experiências, que surge da relação entre corpo, paisagem, clima e tempo?

Em busca de possíveis respostas|caminhos para as minhas perguntas, torno Montreal meu novo “site” de pesquisa-criação e o viver neste clima e paisagem, um ato performático.

Como escrito por Tetsuro Watsuji (2006, p. 37, tradução nossa), “Clima e Paisagem são o momento de objetivação da subjetividade humana”. Para o pensador japonês, viver em um determinado Clima e Paisagem nos leva a criar utensílios, técnicas e tecnologias para driblar a ação destes em nosso corpo, mas é a partir do experienciar que nós, seres humanos, podemos descobrir a nós mesmos e criar modos de viver em sociedade.

Desde que aqui cheguei, coleciono estórias de como fazer para lidar com o inverno.

O aplicativo de clima é um item de sobrevivência: consultar todos os dias ao acordar, antes de sair de casa. Isso implica na escolha das roupas, na quantidade de camadas de roupas necessárias, do sapato, e de até mesmo sair ou não. Há diferentes tipos de neve, e é preciso ter cuidado e atenção a cada uma delas: flocos de neve, grãos de neve, grãos de gelo, graupel, granizo, chuva-neve e chuva congelante (*freezing rain*)⁵, com a qual a cidade torna-se uma grande pista de patinação no gelo e, conseqüentemente, gera acidentes de carros e quedas de pedestres. Uma chuva como essa pode acontecer de repente, portanto, atenção às mensagens do aplicativo de clima.

Pelo Facebook, acompanho algumas rotinas diárias de amigos canadenses: plantas, gatos, comidas, livros, yoga, óleos essenciais e o novo aparelho umidificador de ar.

Em pleno *quartier des spectacles*, uma instalação me chama a atenção: *Luminothérapie*.⁶ Composta por 13 Zootrópios que unem exercício físico, ao fazer o espectador|participante pedalar para ativar a instalação; Luminoterapia, terapia utilizada para driblar os efeitos da falta de sol e, conseqüentemente, de produção de vitamina D pelo organismo; e cinema de animação, inspirado nos contos de fada. O projeto, em sua sétima edição, abre anualmente uma chamada para que artistas apresentem projetos artísticos que envolvam o uso de luminoterapia, ocupando o espaço público.



Figura 01:
Foto: Ulysses Lemerise
|OSA| Divulgação.

Há muitas técnicas e tecnologias criadas para amenizar as ações do inverno e reinventar modos de viver|habitar,

5 Nomenclaturas apresentadas pela *American Meteorological Society* (Sociedade Norte-Americana de Meteorologia): <https://www.ametsoc.org/ams/>

6 <http://www.quartierdesspectacles.com/en/blog/687/luminotherapie-loops-giant-wheels-make-everyone-feel-like-a-kid-again>

adaptando-se às mudanças do clima|*weather* e às mudanças climáticas. Mas, ainda que de forma empírica, as mudanças climáticas com fenômenos meteorológicos cada vez mais acentuados, invernos mais quentes e mais gris, verões cada vez mais quentes, chuvas torrenciais, inundações, tornam-se tema de conversa entre cidadãos comuns. Estamos vivendo uma época de extremos, provocados pelas mudanças climáticas. Em consequência disso, uma época de readaptação ao nosso próprio “lugar de vida”.

As cidades e suas tecnologias, como as sessões de Luminoterapia em espaço público, amenizam essa readaptação, mas não conseguem combater o que faz de Montreal, e de tantas outras cidades, a cada inverno mais gris. Somos capazes de criar tecnologias e utensílios para driblar o frio, o calor, mas não temos como conter as respostas que o planeta está nos dando como consequência das nossas próprias ações.

Após um mês de longas derivas pela cidade, decidi escolher dois territórios para realizar esta primeira etapa de investigação|criação: Parc Jarry e Vieux Port.

Experiências Performativas em Territórios específicos

Projetos desenvolvidos em territórios específicos⁷ e que propõem a Performance como metodologia de pesquisa-criação, como o que estou desenvolvendo, requerem tempo, presença, permanência. As respostas muitas vezes parecem fáceis, mas não são. Essas são pesquisas fundamentadas no conceito de experiência, ou seja, intensidade.

Para o filósofo canadense Brian Massumi (2002), experiência é a dimensão incorpórea do corpo, experiência é intensidade. Este é um conceito caro para pesquisas performativas, pois é a partir dessa intensidade, dessa dimensão incorpórea do corpo, que questões, procedimentos e ações ético-estéticas emergem.

Parto de um corpo em performance, imerso em um território específico, com um clima e uma paisagem nunca antes experienciados. Um corpo inquieto, em movimento. Um corpo-experiência. “It moves as it feels, and it feels itself moving” (MASSUMI, 2002, p. 01).

Manhã de fevereiro, -14 °C

Com uma câmera acoplada ao corpo, percorri por 43 minutos o parque, local onde me instalei para realizar a primeira etapa da pesquisa. O frio é sentido pelos músculos, pela pele, pelos ossos. Os olhos doem, já não se tem mais controle da face. Os pés, protegidos com botas para até -45 °C, congelam. Quando sinto o

⁷ Territórios são sistemas dinâmicos envolvidos no tempo e no espaço, formados por um vasto conjunto de interações individuais, locais e contingenciais. Os territórios são constituídos por relações entre os humanos e destes com o meio ambiente. Assim, podemos denominar como território(s) uma cidade, um vilarejo, um bairro, uma praia, um local específico de uma cidade, um estado, um país, uma região ou um espaço geográfico delimitado.

corpo sem sua capacidade normal de circulação do sangue, deixo o parque. Esta é uma regra desta Performance.

A relação com um novo clima e uma nova paisagem gera novas corporeidades, novos pensamentos, sentimentos, modos de se vestir, de se alimentar, um novo modo de ser|estar. O pensamento de Tetsuro Watsuji ecoa em meu caminhar: a paisagem e o clima nos proporcionam uma orientação definitiva para analisarmos a estrutura da vida humana.

Chego ao lago. Um lago artificial de cerca de 30 cm de profundidade, criado para compor a paisagem, sobretudo no verão. Num belo encontro proporcionado pelo acaso, me deparo com um trator alisando o gelo, como se ali fosse uma pista de patinação, mas não, é só um lago congelado, no qual mesmo no verão não se é permitido entrar. A construção desta paisagem me chama a atenção. Fico ali por cerca de dez minutos. O desejo é de interagir com a máquina que esculpe essa paisagem transitória, caminhar sobre o lago. Por outro lado, esta ação ressalta todas as questões presentes nas discussões sobre o Antropoceno, relação homem-natureza, construções artificiais e seus impactos na natureza primária e, claro, os modos de vida na sociedade contemporânea, com suas criações de paisagens artificiais em busca de qualidade de vida e conforto.

Meu corpo começa a congelar. Início a saída do parque ainda motivada pelos movimentos da máquina sobre as águas congeladas do lago, mas sentindo um frio com o qual mal posso caminhar.



Figura 02:
Parc Jarry|
Máquina|Lago.
Fotos: ©

Há dois meses performo neste parque. Algumas semanas com mais tempo de permanência, outras, por conta do frio, da neve, com menos. Tenho um enorme arquivo de vídeos, textos e, sobretudo, de sentimentos, sensações e questões que estão emergindo dessas Performances.

Saio do parque. Chego a casa e depois de um banho quente e um chá para aquecer, sento-me a escrever. Todas essas perguntas estão pulsando em meu corpo e saltam nesta escrita. As imagens produzidas com meu corpo-câmera ficam, por ora, no HD externo, catalogadas e armazenadas. Ganharão outro destino, mas ainda é preciso tempo, algumas questões precisam ainda de encontros a partir da própria investigação.

As imagens de hoje me remetem ao vídeo *Year of the horse*⁸, do projeto *Animal Years*, da artista finlandesa Annette Arlander, uma relação trazida talvez pelo frio, talvez pelo lago. *Year of the horse* foi uma performance realizada de 2002 a 2014 na ilha de Harakka, em Helsinkí, na qual Arlander sentava-se em um ponto específico, sobre uma rocha, e ali permanecia durante um longo período. A performance era registrada em vídeo, sempre com o

mesmo enquadramento. A artista visitou a ilha uma vez por semana ou uma vez por mês, durante doze anos, registrando a mudança da paisagem no decorrer das estações e dos anos. Em seu livro *Performing Landscape*, de 2012, Arlander apresenta o desdobrar de seu pensamento e de sua produção ao longo de dez anos de pesquisa-criação: a importância do “lugar|site” em seu trabalho, o ponto de virada em sua criação, as relações entre performance e paisagem e, sobretudo, como as questões que emergiram de suas ações performativas tornaram-se procedimentos de criação em seus trabalhos. A artista ressalta, ainda, a importância da mediação da câmera em suas performances, já que estas são apresentadas somente em vídeo, mediação que a teórica alemã Erica Fischer-Lichte (2008) vai nomear de performatividade.

Mapas Performativos| Paisagens Transitórias, o nome que estou dando a esta etapa do projeto, está inserida nas discussões de performatividade a partir de sua proposta dialógica com a artemídia. Tenho como procedimento de trabalho performar com a mediação de uma câmera, acoplada ao corpo, o que faz que as imagens nem sempre tenham precisão de enquadramento e que tenham o movimento, ritmo, estabilidade e instabilidade do próprio corpo em deslocamento.

-12 °C, Previsão de neve

Corpo. Movimento. Sentimento. Experiência. Palavras-conceitos que performam comigo nesta manhã.

Há previsão de neve e ventos de até 45 km/h, mesmo assim decido ir ao parque. A pesquisa está mais intensa a cada dia, e não quero interromper esse fluxo de criação. No caminho em direção ao parque e munida de minhas quatro palavras-conceitos, decido performar em um lugar específico, onde há a maior concentração de neve. Sempre quis compor esta paisagem e ser composta por ela, mas o completo desconhecimento do que estaria sob essa neve e de como meu corpo reagiria sempre me fez desistir. Pela primeira vez, a câmera não estará no meu corpo, mas me olhando.

O vento é forte, o que torna o frio ainda mais intimidador. Chego ao parque, monto a câmera e inicio minha performance. Caminho por 15 minutos com a neve acima do joelho até alcançar duas árvores altas. Chegando lá, com o corpo exausto, como se tivesse corrido por horas, permaneço parada até não aguentar mais a ação do frio em meu corpo. Volto. O movimento de permanecer e a intensidade destes não mais de dez minutos de permanência me trazem a importância da ação de permanecer.



Figura 03:
Parc Jarry| Caminhada|
Fotos: ©

A intensidade, essa dimensão incorpórea do corpo, dificilmente é traduzível em palavras, imagens, gestos, ações. Mas é possível proporcionar ao outro a experiência do permanecer. Me agarro à ação e decido torná-la procedimento, não só para as performances, mas para ativar as imagens capturadas ao longo de minhas performances. Permanecer é um verbo constante durante esta experiência do frio.

Começa a nevar. Uma tempestade, chuva-neve. Hora de deixar o parque.

As imagens de hoje estão trêmulas. É possível sentir a força do vento e, mesmo com a câmera em um tripé, esta vibrava.

Em uma ensolarada manhã de março, -4 °C

A temperatura mais elevada que meu aplicativo já me mostrou desde que cheguei à Montreal. Há também a presença do sol. As pessoas estão na rua, caminhando. No parque encontrei crianças brincando de *snowboard*, pessoas passeando com seus cachorros e até mesmo pessoas se exercitando, correndo em meio à neve derretida.

As formas que a neve ganha com o degelo, as texturas, a dureza e as diferentes sonoridades me conduzem em minha performance. Passo a caminhar pelos diferentes tipos de neve, quero experimentar as diferentes corporeidades que eles podem provocar no meu corpo. Esse trabalho é árduo, requer muita preparação física. Embora eu não esteja em condições físicas para uma performance como esta, decido realizá-la. Vou ao limite, até o meu corpo exausto já não poder mais caminhar. Não percebo, mas a câmera deixou de gravar grande parte desta ação, tenho apenas poucas imagens.



Figura 04:
Parc Jarry | Texturas |
Imagens: Fotos: ©

Com o corpo exausto, retorno para casa sem condições de sequer descarregar as imagens, mas as sensações, os sentimentos e as corporeidades experienciadas continuam vibrando neste corpo em estado de exaustão. Sinto em meu corpo a paisagem do encontro dos braços do Rio Saint-Laurent, parte completamente congelada, estática, e parte pulsando em uma correnteza de sensações, sentimentos, pensamentos e imaginação.

Talvez a imagem do rio seja a síntese desta primeira etapa de pesquisa-criação.

-22 °C, sensação térmica de -27 °C

Volto a Vieux Port. Preciso revisitar o encontro dos braços do Rio Saint-Laurent. Permaneço por cerca de uma hora ali, parada,

olhando a potência da natureza em seu estado de impermanência e fluxo.

Figura 04:
Rio Saint-Laurent |
Fotos: ©



As conexões entre paisagem, clima, corpo, tecnologias, fluxos e mediações vão ganhando mais nitidez, apontando caminhos, despertando novas inquietações e reflexões.

Uma paisagem transitória que me compôs e que eu a compus durante esses três meses de pesquisa imersa na experiência do frio e no que poderia aprender com ele.

Me debruço sobre as imagens, sobre o papel no chão, desenhando plantas baixas para um projeto expositivo. Como transmitir a experiência do frio e da permanência ao outro? Qual a importância e ressonância desta instalação nas questões que venho tratando em *Territórios Sensíveis*?

Leio e releio a pergunta de T. J. Demos (2016) de “Como as artes podem fornecer novas percepções e afetos através dos quais a vida pode ser reinventada?”.

Algumas questões me trouxeram a Montreal. Experienciar o frio ao limite era uma delas. Já havia experienciado o mar e os movimentos das marés durante a realização do projeto *Maré/Rasantes*, realizado no litoral do Ceará. O movimento das raízes do mangue na Sabiaguaba, Ceará, durante o projeto *Raízes Voadoras*. A vida dos pescadores e a relação mar-cidade, que resultou no *Lab Paisagem/Emergência*. E era momento de experienciar o extremo oposto: frio, neve, outra relação entre corpo, clima, paisagem e cultura.

Volto para as imagens, comparo-as. Busco em meu corpo as ressonâncias dessas experiências, desdobro-as em proposições, instalações, vídeos, escrita, ações performativas.⁹ O que me conduz na realização de um projeto como *Territórios Sensíveis* é o desejo de compartilhar experiências e, a partir da relação entre performance, arte e mídia, propor ao público-espectador-participante experiências que possam colaborar na emergência de novas percepções e afetos, aguçar o pensamento crítico, a imaginação e, se possível for, gerar mudanças nos modos de vida. Pois vivemos, como diz a artista e educadora americana Kayla Anderson (2015), uma crise que é climática, mas também, uma crise da cultura e, portanto, da imaginação. Vivemos, já há algumas décadas, a crise da macropolítica; diante disso, ações micropolíticas são fundamentais. As mudanças são urgentes.

9 Os vídeos, textos e registros desta pesquisa podem ser acessados no site do projeto: <https://www.territoriossensiveis.com/>

Referências

- ANDERSON, Kayla. Ethics, Ecology, and the Future: Art and Design Face the Anthropocene. **Leonardo**, v. 8, n.4, p. 338-347, 2015.
- DEMOS, T. J. The great transition: the arts and radical system change. **E-flux Architecture**, 2016. Disponível em: <https://www.e-flux.com/architecture/accumulation/122305/the-great-transition-the-arts-and-radical-system-change/>
- FISCHER-LICHTE, Erika. **The transformative power of performance**. Londres; Nova York: Routledge, 2008.
- LATOUR, Bruno. Temos que reconstruir nossa sensibilidade. **Jornal O Globo**, 29. set. 2014. Entrevista. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/sociedade/conte-algo-que-nao-sei/bruno-latour-antropologo-escritor-temos-que-reconstruir-nossa-sensibilidade-14081447>
- MASSUMI, Brian: **Parables for the virtual**: movement, affect, sensation. Londres: Duke University Press, 2002.
- WATSUJI, Tetsuro. **Antropologia del paisaje**: climas, culturas y religiones. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2006.